

"O clown e a terceira idade: percepções a partir de uma intervenção prática numa casa de repouso para idosos"

Área Temática: Cultura

Gabrielle Cristina Gazani da Silva¹, João Alfredo Martins Marchi²

¹Aluna de Artes Cênicas, bolsista de extensão – PIBIS - UEM, contato: gaby111908@hotmail.com

²Prof. De Artes Cênicas, Departamento de Música – DMU/UEM, contato: joaomarchi23@hotmail.com

Resumo. *O Objetivo desta pesquisa é apresentar análise de um relato de intervenção dos participantes do projeto de extensão “Grupo de pesquisa e experimentação cotidiana utilizando como paradigma a figura do clown”, o GEC, orientado pelo professor mestre João Alfredo Martins Marchi. A metodologia pauta-se numa pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Utilizamos autores da arte da palhaçaria, tais como: Lecoq (2010), Colavitto (2016), e Bolognesi (2009).*

Palavras-chave: *Clown. Terceira Idade. Intervenção.*

Introdução

Este trabalho dedica-se a análise do relato de uma participante do GEC – Grupo de Pesquisa e Experimentação Cotidiana Utilizando como Paradigma a Figura do *Clown*, buscando compreender a percepção dos participantes sobre uma intervenção feita pelo grupo de pesquisa dentro de uma casa de repouso para terceira idade na cidade de Maringá no Paraná.

Num primeiro momento, expomos o conceito de *clown* do qual falamos e num segundo, analisamos, a partir de um olhar teórico e sensível (FREIRE, 2011), o relato escolhido para assim, observar as percepções realizadas pelos participantes do projeto. Ressaltamos que, para esta pesquisa, realizamos uma intervenção com diferentes participantes do GEC. Num segundo momento, pedimos que os mesmos relatassem suas percepções no momento em que estavam usando o seus *clowns* e sua interação com os idosos. Pedimos ainda que expusessem suas percepções acerca de sua interação com os idosos sem a figura do *clown*, pois, alguns participantes do GEC, no momento da investigação, estavam estagiando na casa de repouso em que ocorreu a intervenção. Todavia, do material produzido, utilizamos apenas um relato devido à extensão do presente artigo.

O CLOWN

Um primeiro ponto, para uma melhor compreensão do trabalho e da metodologia que utilizamos no GEC, é caracterizar a diferença entre *clown* e palhaço. Em português, segundo Roberto Ruiz (1987, p.12) a palavra *clown* vem de *clod*, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês “camponês” e ao seu meio rústico, a terra. Por outro

lado, palhaço vem do italiano *paglia* (palha), material usado no revestimento de colchões, porque a primitiva roupa desse cômico era feita do mesmo pano dos colchões: um tecido grosso e listrado, e afogada protegendo-o das constantes quedas. O modo de se pensar no palhaço, neste trabalho, se aproxima mais da figura sutil do *clown* do que dá excentricidade do palhaço do circo. Existem dois tipos clássicos de clowns: o branco e o augusto. O clown branco pode ser entendido sob o ponto de vista do patrão, o intelectual, a pessoa que pretende demonstrar inteligência. O augusto é o bobo, o eterno perdedor, o ingênuo de boa-fé, o emocional. Ele está sempre sujeito ao domínio do branco, mas, geralmente, supera-o, fazendo triunfar a pureza sobre a malícia, o bem sobre o mal (BURNIER, 2009).

Para ser um clown é preciso, dentre outras técnicas, dar liberdade para mostrar o que se é, no sentido mais ridículo (COLAVITTO, 2015) e fazer as pessoas rirem desse fracasso, ou seja, “O *clown* não existe fora do ator que o interpreta. Somos todos *clowns*. Achamos que somos belos, inteligentes e fortes, mas temos nossas fraquezas, nosso derrisório, que, quando se expressa, faz rir” (LECOQ, 2010, p.213). Dito isto, após percebermos no GEC um local de treinamento e experimentação da figura do *clown*, nos propusemos nesta investigação a analisar alguns pontos acerca da relação entre o *clown* e o público que não tem contato com a linguagem do teatro.

DESENVOLVIMENTO

No contexto da arte, uma intervenção é uma manifestação que pretende causar alguma modificação através da arte. Pode ser diferente de acordo com várias vertentes artísticas diferentes. A intervenção a qual nos referimos é a saída do grupo de pesquisa com *clowns* fora do âmbito universitário, ou seja, na comunidade externa. Organizamos então uma saída em que os estagiários do GEC foram como *clowns* acompanhados de outros participantes do projeto também caracterizados. Ao todo, contamos com 8 participantes nesta intervenção.

A intervenção realizada contou com os clowns ajudando nas atividades propostas pelos discentes estagiários com os idosos, no relato escolhido para análise, a participante fala sua percepção da entrada dos *clowns* na casa “Quando entramos muitos dos idosos ficaram felizes, muitos se comportaram como crianças, felicidade, sorrisos, alguns estranhamentos, alguns idosos apaixonados por aqueles seres coloridos de nariz vermelho, alguns idosos pedindo o nariz, outros pedindo para brincar, um idoso com violão chamando para cantar e dançar com ele” (Diário de campo, participante 1). Em um momento a participante descreve sobre uma atividade do estágio “A atividade era desenhar o seu rosto, uns idosos diziam que eram feios, uns diziam que eram lindos outros diziam que não sabia desenhar, outros queriam a ajuda dos Clowns para

desenhar, pintar uns se desenharam e até desenharam os *clowns* na atividade.” (Diário de campo, participante 1). Essa ideia da ajuda e do desenho representando os *clowns*, além da questão da relação e da afetividade, apontou-nos um ambiente de atmosfera leve, lúdica e permeada o tempo todo pelo riso, visto que os *clowns* brincavam com as situações que surgiam nas conversas com os idosos. Para outros participantes, o *clown* permitiu uma melhor aproximação com os idosos, outra forte característica desta linguagem (COLAVITTO, 2015).

Quando ouvimos a palavra “Idoso”, podemos nos remeter a muitas coisas: uma pessoa de mais idade ou velha como muitos dizem, uma pessoa que já é experiente na vida ou que já viveu muita coisa e aprendeu também. Muito desses idosos hoje tem que lidar com o abandono de seus filhos e familiares, colocando os em asilos e até sendo abandonados na rua, e se não havendo abandono dos mesmos há a solidão, que os fazem adoecer mais cedo, tais percepções se deram a partir de um exemplo relatado por um idoso que vive hoje no asilo. Neste ambiente, existem muitos idosos de várias idades e com diferentes histórias de vidas. Idosos que trabalharam anos como motorista de ônibus para a cidade até músicos, idosos de outras cidades, estados, idosos que moram na cidade, que tem seus filhos aqui, mas eles não tem “tempo” para cuidar, idosos que vivem a tempo no asilo, idosos sorridentes, idosos sérios, idosos que gostam de ficar sozinho, idosos que amam se maquiar, que amam colecionar coisas, idosos que amam abraços e atenção, idosos que estão em estado de vegetação, mas são cuidados dentro do asilo, que são amados, idosos que recebem visitas de seus parentes e idosos que não recebem de seus parentes mas recebem de pessoas estranhas. Há um mundo de gentes neste ambiente e, pelo que foi percebido pelos clowns e pelos estagiários, há igualmente uma tentativa de gentificar (FREIRE, 2011) estas pessoas com suas histórias particulares. No entanto, a maioria dos depoimentos foram sobre abandono, como o de uma senhora; “[...] sempre trabalhei no meu lar, cuidei de meus filhos, mas em algum tempo começaram a se casar, fizeram suas famílias e me deixaram, e não tinha tempo para cuidar de mim.” (Diário de campo, Idosa 1). Assim, a colocaram no asilo, mesmo ela tendo sua casa própria, eles a deixaram.

No entanto, um dos participantes estagiários relatou que enquanto o idoso estava ao lado do cômico ele fazia de seus problemas algo cômico também, tirando a seriedade daquilo, ao contrário de quando eles contavam para a pessoa “normal” com mais seriedade

[...] ambos contando para o meu Palhaço sobre a sua história, eles contavam rindo, de um modo que não parecia ser sério isso que eles diziam, que isso não era um problema a eles, faziam piadas,

principalmente o senhor, fazia muita piada sobre sua carreira de trabalho na tccc, para fazer que aquilo não parecesse ruim, a senhora ela contava sobre algumas coisas engraçadas que aconteciam dentro do asilo, de eventos que aconteciam por lá e ela achava legal, depois de um tempo voltei lá sem o meu Clown, e sentei ao lado dos mesmos, e comecei a conversar a mesma coisa que eles conversaram com o palhaço, e demonstravam que eles sabiam que o palhaço era eu, então eles contaram tudo desde o começo, mas não foi do mesmo jeito que eles contaram antes, eles contaram com um ar de algo mais sério, não faziam piada, não riam, contavam com um ar de tristeza, tentando esconder, mas ao final de tudo eles diziam que gostavam de estar lá (Diário de campo, participante 1).

Mas, será que eles realmente gostam de estar lá? De conviver naquele espaço, ou se sentem falta da vida que tinham antes do lar? Mesmo dizendo que lá tem pessoas que se importam com eles e que os fazem alegres e os fazem não se sentir sozinhos, mesmo admitindo que são cercados pelos carinhos dos profissionais do asilo, alguns deles não escondem a tristeza. Destas, nota-se também que todos tem seus problemas na família e discutir isso em frente ao idoso é quase dizer que ele está sendo um incômodo para todos, assim, muitos idosos por terem essa sensação de incômodo tomam uma atitude de ficarem sozinhos e ir para o asilo sem comunicar a família, a qual, muitas vezes, não questiona a decisão.

Considerações Finais

Tendo em vista o relato acima analisado, percebemos que quando há algo denominado cômico as pessoas ao redor tendem a evitar a seriedade ao relatar as coisas que acontecem naquele lugar, naquele instante, tirando disso algo alegre, lúdico e sensível. Nota-se também as sensações no estado do clown, que, analisando e prestando atenção nos detalhes que acontecem quando se está envolvido, aguça sua percepção e desperta diversos sentimentos com o público ao seu redor, percebendo assim o poder que o palhaço tem de poder mudar o ambiente em que está.

Referências

- BURNIER, LUÍS OTÁVIO. *A arte de ator: da técnica à representação* – 2a ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- COLAVITTO, Marcelo Adriano. *O Clown e a criança: Poéticas de resistência*. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profª Drª Verônica Regina Müller. Maringá, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e terra.
- LECOQ, Jacques. *O Corpo Poético: uma pedagogia da criação teatral: Livro traduzido para o português por Marcelo Gomes*. Edição Sesc SP, 2010.
- RUIZ, ROBERTO *Hoje tem espetáculo? As origens do circo no Brasil*. Rio de Janeiro: INACEN, 1897.